



A IMPORTÂNCIA DO MÉTODO HISTÓRICO-COMPARATIVO E A TIPOLOGIA LINGUÍSTICA PARA A RECONSTRUÇÃO DE LÍNGUAS INDÍGENAS

Sheyla Helena Elias da Paz (UFG)¹
sheylahelena@gmail.com

Sebastião Elias Milani (UFG)²
sebaselias37@hotmail.com

RESUMO: Semelhanças entre as línguas distintas sempre aguçaram a atenção de estudiosos de diversos lugares. Desde a linguística histórico-comparativa, os linguistas buscam resultados que comprovem a evolução e reconstrução das línguas. Este artigo apresenta a importância do método histórico-comparativo, descrito por Vieira (2012) para a reconstrução das línguas no mundo. Ressalta Também a contribuição dos trabalhos de Rodrigues (2002) sobre o Tupí-Guaraní, e outras obras do autor sobre reconstrução linguística (1998, 2005, 2017b, 2010, 2014 apud Cabral, 2014). O processo de reconstrução de consoantes na língua Avá-Canoeiro, proposto por (Borges, 2006), ao considerar os aspectos fonéticos e fonológicos de três consoantes oclusivas: a bilabial /p/, a alveolar /t/ e a velar /k/, para verificar a evolução das consoantes do Proto Tupí-Guaraní. Nesse sentido, entende-se que a reconstrução linguística e tipologia linguística andam juntas. (SHIELDS, 2011)

PALAVRAS-CHAVE: Linguística histórica. Método Histórico-Comparativo. fonética/fonológica. Proto-Tupí-Guarani. Avá-Canoeiro.

ABSTRACT: Similarities among distinct languages have always sharpened the attention of scholars from various places. From historical-comparative linguistics, linguists seek results that prove the evolution and reconstruction of languages. This article presents the importance of the historical-comparative method described by Vieira (2012) for the reconstruction of languages in the world. The contribution of Rodrigues (2002) works on the Tupí-Guarani, and other works of the author on linguistic reconstruction (1998, 2005, 2017b, 2010, 2014 apud Cabral, 2014). The process of reconstruction of consonants in the Avá-Canoeiro language, proposed by Borges (2006), considering the phonetic and phonological aspects of three occlusive consonants: bilabial / p /, alveolar / t / e velar / k /, to verify the evolution of the consonants of the Proto Tupí-Guaraní. In this sense, it is understood that linguistic reconstruction and linguistic typology go hand in hand. (SHIELDS, 2011)

KEYWORDS: Historical linguistics. Historical-Comparative Method. phonetic / phonological. Proto-Tupí-Guarani. Avá-Canoeiro.

¹ Aluna do Programa de Mestrado de Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás. Todos erros cometidos neste artigo é de responsabilidade total da autora.

² Professor Doutor do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás.



1 Introdução

A Linguística histórica constitui a fonte de abordagens modernas ao estudo da língua, especialmente através dos esforços dos Neogramáticos do século XIX. No entanto, é claro que o campo da linguística histórica, tal como existe hoje, foi fortemente moldado pelas descobertas de disciplinas linguísticas descendentes, incluindo a tipologia linguística. De fato, para uma disciplina que floresceu tão recentemente, a tipologia linguística passou a desempenhar um papel importante e multifacetado que se manifesta de três maneiras principais,

- (i) a tipologia linguística fornece aos linguistas históricos uma série altamente útil de avaliar a plausibilidade de suas reconstruções;
- (ii) a tipologia linguística pode ser utilizada pelos linguistas históricos como um importante complemento metodológico no próprio processo de reconstrução;
- (iii) a tipologia linguística é, em si mesma, um assunto primordial da linguística histórica na forma do que Fox (1995: 194 apud Shields 2011:551) chama de "leis do desenvolvimento da linguagem", isto é, os princípios gerais de como as línguas evoluem. (SHIELDS, 2011:551)

Campbell (2001, p.1), posiciona-se sobre o método comparativo quando acrescenta que : “ é central para a linguística histórica, o mais importante dos diversos métodos e técnicas que utilizamos para recuperar a história linguística”. Assim, o autor enfatiza as línguas que pertencem à mesma família linguística são aparentadas geneticamente. Isso significa que essas línguas aparentadas derivam de uma única língua original, denominada uma protolíngua. Com o tempo, dialetos da protolíngua se desenvolvem por meio de mudanças linguísticas em regiões diferentes em que a língua foi falada – todas as línguas mudam constantemente – e, com o tempo, por meio a outras mudanças, tais como os dialetos, podem se tornar línguas diferentes.

A reconstrução mediante o método comparativo é de recuperar o máximo possível da língua ancestral, a protolíngua, por uma comparação das línguas descendentes e para identificar quais mudanças ocorreram nas diversas línguas que se desenvolveram da protolíngua. O trabalho de reconstrução tipicamente começa com a



Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos - NUPESD
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU

ISSN: 2178-1486 • Volume 9 • Número 27 • Maio 2019

Ano Internacional das Línguas Indígenas (ONU)

fonologia, numa tentativa de reconstruir o sistema fonológico; isso conduz, por sua vez, à reconstrução do vocabulário e da gramática da protolíngua.

Shields (2011), menciona que os linguistas históricos, com intenção de tirar conclusões sobre o estágio pré-histórico da linguagem, utilizam duas metodologias primárias: o método comparativo e o método interno. O primeiro tem sido central para o emprego de reconstrução, utiliza dados sistemáticos de línguas genéticas para tirar conclusões sobre os sons, os morfemas e os padrões sintáticos da protolíngua, a partir das quais essas se originam. A metodologia interna é muito parecida com a comparativa, mas os dados vêm em uma única linguagem. O pressuposto subjacente aos métodos comparativo e interno é que a pré-história linguística pode ser recuperada porque as mudanças linguísticas em grande parte regulares deixam rastros estruturais, tanto nos conjuntos cognatos atestados em línguas irmãs quanto nos padrões alomórficos e variantes de linguagens individuais. A reconstrução interna é especialmente útil para explorar a pré-história de isolados de línguas ou as fontes ainda anteriores de protolínguas reconstruídas pelo método comparativo. Além disso, a reconstrução interna pode ser aplicada para ser atestada antes da aplicação do método comparativo, de modo que o método posterior utilize dados que permitam projetá-lo o mais longe possível no tempo. Entretanto, há limitações ao método interno quando este não pode recortar informações estruturais obscurecidas por mudanças incondicionadas e que projeta estruturas reconstruídas de volta a pontos indeterminados no tempo.

Então, pode-se afirmar que a linguística histórica quanto a tipologia linguística aumentam a probabilidade de reconstrução fonêmica e de padrões fonológicos das línguas. Este é o objetivo principal deste artigo. Demonstrar por meio de trabalhos realizados no Brasil, principalmente, em línguas indígenas que o método de reconstrução linguística é muito importante.

Em um estudo sobre historiografia linguística dos métodos no Brasil, Vieira (2012, p.16) nos expõe que “as propostas teóricas e metodológicas empreendidas nos estudos linguísticos nos séculos XIX e XX, na Europa e nos Estados Unidos, sem dúvida influenciaram as pesquisas e os pensamentos dos estudiosos brasileiros”.



Especialmente o século XIX que reflete o apogeu da linguística histórica e do método comparativo-histórico, principalmente quando da comparação passa-se a reconstrução e à genealogia. Essa influência teve dois fatores importantes: o Romantismo, de acordo com Silva Neto (1963, apud Vieira 2012), em que a língua é vislumbrada como algo que projeta o passado e se separa dos falantes; e , outro é linguística românica , fundada por Friedrich Diez (1794-1876), que influenciara Jacob Grimm e August Wilhelm Schlegel. Segundo a autora (op. cit.p.17) , Diez “dá um novo rumo às pesquisas de sua época, passando a terem um caráter metodológico, com a aplicação do método histórico-comparativo.” Enquanto os comparatistas estão envolvidos em fazer comparação entre as línguas e comprovar sua origem, Humboldt, de acordo com Milani (2000), “preocupa em desenvolver, a partir das comparações das línguas, uma fórmula que demonstre o processo de organização linguística”.

1.1 A influência dos estudos Históricos-comparativos europeus na pesquisa brasileira

No Brasil, os estudos europeus, principalmente de Portugal com Leite de Vasconcelos influenciou de forma considerável os trabalhos em Filologia e Dialetologia, o admirado Serafim da Silva Neto.

Apesar de apresentar uma visão de que a língua Portuguesa Nacional e de Portugal deveriam ser única, o que hoje, essa ideia é impossível de se concretizar. Contribuiu com uma proposta metodológica no método histórico-comparatista, pois apresenta comparações entre textos de várias línguas, inclusive do latim, com propósito de explicar as mudanças linguísticas ocorridas na Língua Portuguesa, de forma diacrônica. (VIEIRA , 2012).

Também destacaram com trabalhos de cunho filológico, mas também utilizando o método histórico comparativo, Ismael de Lima Coutinho (1900-1965), com sua obra *Gramática Histórica*, faz um detalhado estudo da língua Portuguesa; Manoel Said Ali



(1861-1953), “sintaticista, com olhar crítico, tento suas obras um caráter histórico e psicológico.”(VIEIRA, op. cit., p.23)

Na perspectiva dialetológica, constam as pesquisas de Antenor Nascente (1922), Amadeu Amaral (1875-1929), Mário Marroquim (1934). Autores apresentaram trabalhos com destaque fonéticos, morfológicos e sintáticos, considerados muito importantes nos estudos dialetais, já as pesquisas até 1920 eram considerados praticamente no campo lexical. (VIEIRA,2012)

A partir da década de 1940, precisamente em 1942, outro estudioso do método histórico-comparativo, foi o professor Aryon Dall’igna Rodrigues. Com diversos trabalhos em língua indígena contribuiu, conforme:

Rodrigues desenvolveu soluções, fundamentando diagnósticos de graus de relações genéticas entre línguas, a reconstrução de partes dos sistemas linguísticos de línguas individuais e de conjuntos de línguas e, ainda, contribuindo para o desenvolvimento de modelos analíticos que descrevem a natureza e direções das mudanças ocorridas ao longo da história das línguas; consolidando, no âmbito das línguas nativas do Brasil, a funcionalidade de teorias e métodos de estudo comparativo. (CABRAL et.al ,2014, p. 513)

Com isso, os autores puderam mostrar ao Brasil, o seu lugar de agente destacado na história da linguística histórica das línguas indígenas no Brasil. Foram vários trabalhos publicados no Brasil e no exterior.

Faremos um esboço da família Tupi-Guarani, do livro de Rodrigues (2002) *Línguas Brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*.³

1.2 A Família Tupi-Guarani

Segundo Rodrigues (2002), as línguas do mundo são classificadas em famílias segundo o critério genético. Essa reconstrução é feita pelo método comparativo histórico. Para esse critério, o autor faz uma comparação entre o Tupi Antigo

³ RODRIGUES, Aryon Dall’igna. *Línguas Brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Edições Loyola, 2002.



Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos - NUPESD
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU

ISSN: 2178-1486 • Volume 9 • Número 27 • Maio 2019

Ano Internacional das Línguas Indígenas (ONU)

(Tupinambá) e o Guaraní Antigo, que são conhecidos por meio de documentos do século XVI e XVII, conforme tabela abaixo:

Tabela 1- correspondência entre o Tupi e o Guaraní

<i>Conceito</i>	<i>Tupi</i>	<i>Guaraní</i>
pedra	Itá	Itá
tatu	Tatú	Tatú
mão dele	Ipó	Ipó
Mão dele mesmo	Opó	Opó
Pé dele	Ipy	ipy
Pé dele mesmo	opy	opy
Eu e ele dormimos	Orokér	Oroké
Eu dormi	Akér	Aké
Eu e ele dissemos	Oro'é	Oro'é
Eu disse	a'é	a'é
Eu o quis	aipotár	aipotá
Você o quis	ereipotár	Ereipotá
Eu fiquei	apytá	apytá
Você ficou	arepytá	arepytá
Eu ele ficamos	oropytá	oropytá
Eu sarei	apweráb	akwerá
Eu ultrapassei	aiopwán	aiokwã
Eu corri	aián	iã
Eu o escutei	asenúb	ahanú
Eu o experimentei	asa'áng	aha'ã

FONTE: RODRIGUES (2002,p.30)

Para o autor (op. cit.,p.30-31), “as correspondências regulares entre detalhes dessas duas línguas são muitas que sugere a hipótese de que as duas tenham a mesma origem, como formas alteradas de uma língua anterior”. E supõe, em particular, que essa língua anterior teria os sons (fonemas) consonantais *p*, *t*, *k* já que as línguas derivadas apresentam sons com as mesmas qualidades e nas mesmas posições em



Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos - NUPESD
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU

ISSN: 2178-1486 • Volume 9 • Número 27 • Maio 2019

Ano Internacional das Línguas Indígenas (ONU)

palavras que exprimem os mesmos conceitos. Com os sons vocálicos *a, e, i, o, u, y*. Já o som *r* teria existido igualmente na língua ancestral, mas teria sido eliminado sistematicamente no Guaraní, quando no fim de palavras. Esta última hipótese, que implica que, nesse detalhe, a língua ancestral fosse mais semelhante ao Tupí que ao Guaraní, é mais provável que uma hipótese alternativa, que propusesse a criação sistemática, em Tupí, de um *r* no fim de palavras, mas só no fim de certas palavras: por exemplo, nas formas para “dormir” e “querer”, mas não nas formas para “dizer” e “ficar”. Aliás, não somente o *r* é eliminado sistematicamente no fim de palavras em Guaraní, mas também o *b* e as consoantes nasais *n* e *ng* (esta igual à do inglês e do alemão *bring*); só que, no caso das consoantes nasais, as vogais que se tornaram finais em Guaraní ficaram nasais. Nem sempre as correspondências sistemáticas entre duas línguas derivadas implicam em identidade dos sons ou em manutenção versus eliminação, como nesses casos. As correspondências podem manifestar-se também como diferenças parciais sistemáticas: sempre que o Tupí tem *p* diante de *w*, o Guaraní tem *k*, como nas formas para “sara” e “ultrapassar”. Além dessas correspondências sonoras (fonológicas) e das óbvias correspondências lexicais (palavras iguais ou semelhantes para os mesmos conceitos), há também correspondências gramaticais, como se nota na existência em ambas as línguas de palavras modificadas da mesma maneira para exprimir diversas associações de significados: em ambas depreende-se um elemento *i* – no início de alguns nomes em oposição a outro elemento *o* -, *o* primeiro significando “dele” e o segundo “dele mesmo”; nas palavras de natureza verbal são depreensíveis em ambas as línguas um elemento *a*- significando “eu”, outro elemento *ere*- significando “você” e um terceiro elemento *oro*- significando “eu e ele”. Todos esses detalhes gramaticais podem ser atribuídos à língua ancestral, pois é pouco razoável a hipótese alternativa de que pudessem ter-se desenvolvido independentemente nas duas línguas.

Nesse sentido, o resultado dessa natureza é o reconhecimento da existência de uma língua anterior às línguas comparadas, com elementos fonético/fonológicos,



lexicais presentes que permitem a explicação de uma língua mãe. Da mesma forma do Latim nas línguas românicas, e do proto indoeuropeu (PIE), proposto por Grimm.

Segundo Cabral (et al), destacam-se duas fases acadêmicas na vida de Rodrigues, a (1942 a 1990) e de (1990 a 2012). O que tem relevância para este artigo é última, já que é reconhecida como a Reconstrução do Proto-Tupí.

1.2 A reconstrução do Proto-Tupí

Para os autores (op.cit), nessa fase Rodrigues, apesar de uma pausa com os estudos históricos-comparativos, centra-se na reconstrução linguística tanto para Proto-Tupí quanto para o Macro-Jê. Em um estudo de 1998, publica *Dois exercícios de etimologia Tupí: esposa e boca*⁴, e, em 2005, apresenta evidências linguísticas da antiguidade do piolho e de outros parasitas do homem na Amazônia. Tanto que o próprio Rodrigues (2007b: 94 apud Cabral, et al 2014) escrevera que:

Com base no estudo comparativo do léxico e da fonologia das línguas Tupí que desenvolvera ultimamente, neste momento apresento reconstruções de itens lexicais referentes e cultivadas (como mandioca, batata doce, cará, abóbora) e semicultivadas (cabaceira, timbó, castanheira) e algumas práticas e instrumentos culturais direta ou indiretamente relacionados com a agricultura (roça, pau de cavar, machado, casa, aldeia). A reconstrução das formas fonológicas aproximadas e dos conteúdos semânticos desses itens lexicais implica admissão do conhecimento e da prática da agricultura por parte dos falantes do Proto-Tupí. Assim, a menos que demonstre ser exagerada a estimativa de uma antiguidade de perto de 5.000 anos para a fase unitária do tronco Tupí, o estudo linguístico nos dá importante informação sobre o desenvolvimento da agricultura na Amazônia [...] na bacia do Rio Madeira. Também tem a presença da cerâmica [...] é acusada no léxico reconstruído para o Proto-Tupí. Outras práticas culturais igualmente atestadas por este estudo comparativo são a tecelagem de redes de dormir e o traçado de cestos, ambos de difícil comprovação pela pesquisa arqueológica na paisagem úmida da Amazônia.

⁴ CABRAL, A. S (UNB).; MARTINS, A. M. S. (UFGD); SILVA, B.C.C.(UNB).; OLIVEIRA, S. C. S. de. (UEAM) em (2014)



Com base nesse trabalho de Rodrigues (2007 b), constata-se que função social, cultural de um grupo também contribuem para o estudo comparativo da língua.

Em 2010, na última década de sua vida, amplia esses estudos com a publicação de *Linguistic reconstruction of elements of prehistoric Tupí culture*⁵. Neste reconstrói as vogais do Proto-Tupí em Rodrigues (2005, apud Cabral, 2014). Em 2002, em parceria com Cabral, fazem uma reclassificação de novas línguas, acrescentando critérios morfossintáticos, e excluem algumas línguas dos modelo genético de família Tupí-Guaraní (o Kokáma, o Omágwa e o Cokamila), reclassificando-as em outros ramos. Também em parceria com Cabral, em 2005, publica *O desenvolvimento do Gerúndio e do subjuntivo em Tupí-Guaraní*⁶. Em 2006, *Evidências linguísticas para a reconstrução de um nominalizador de objeto*⁷ ** mi- em Proto-Tupí, com Cabral e Corrêa da Silva.

Para Cabral et al (2014), além dos estudos de reconstrução do tronco Tupi e parte de suas famílias, Rodrigues condiz que há evidências de um grupamento genético Tupí – Karib. Neste estudo ele propôs uma hipótese de relações genéticas entre Macro-Jê-Tupí- Karib, que segundo os autores, essa hipótese havia sido formulada em 1985, há mais de 30 anos. E , finalmente, em 2012, publica um capítulo *Tupian* no Livro *The Indigenous Languages of South America*⁸, editado por Lyle Campell e Verônica Grondona (2012). O assunto dessa obra, trata-se da primeira reconstrução aprofundada da fonologia e de aspectos gramaticais fundamentais do Proto-Tupí. E, finalmente, no início de 2014, em parceria novamente com Cabral, publica a bibliografia comentada *Tupí*, pela *Oxford Bibliographies Online: Linguistics (2014)*⁹

Pudemos perceber , como Aryon Dall’igna Rodrigues, desde o início de suas pesquisas com método histórico-comparativo obteve muito êxito com o processo de reconstrução em línguas indígenas.

⁵ CABRAL et all (2014)

⁶ Idem

⁷ Idem

⁸ Idem

⁹ Idem



2 Outro exemplo de reconstrução histórica

Os exemplos escolhidos para ilustrar o tema do presente artigo, é o trabalho de Borges (2006) que demonstra a origem do vocalismo na língua indígena Avá-Canoeiro a partir do Proto-Tupí- Guaraní.

2.1 Os fonemas Consonantais na Língua Avá-Canoeiro

Borges (2006), para abordar fonologia do Avá-Canoeiro, lança mão das análises de Paiva (1996), mas não com intenção dela fazer uma comparação exaustiva. À luz de novos dados e de um corpus maior, abrangendo as duas variedades do Avá-Canoeiro, e de posse de vários pares mínimos não encontrados pela referida autora, ela faz uma revisão da análise por ele proposta, buscando melhor explicitar os fonemas da língua, suas realizações fonéticas, seus processos fonológicos e morfofonológicos, seu acento e seus padrões silábicos, com base nos pressupostos teórico-metodológicos de Gleson (1995, apud Borges, 2006).

Apesar de citar que embora seu trabalho não seja de cunho diacrônico, são feitas também algumas considerações acerca do desenvolvimento histórico do sistema fonológico da língua. É nesse sentido que este estudo nos interessa, principalmente o sistema consonantal, quando a autora faz uma comparação com o Tupí-Guaraní, especialmente do Subgrupo IV.

Borges, (op.cit), apresenta os fonemas consonantais em Avá-Canoeiro, da seguinte forma:

Tabela 2- Consoantes do Avá-Canoeiro

	Bilabiais	Alveolares	Álveo-palatais	Velares	Uvular
Oclusivas simples	p	t		k	
Oclusiva labializada				k ^w	
Africada			tʃ		
Fricativa					β
Nasais	m	n		ŋ	
Aproximantes	w	r	j		

Fonte: Borges, (2006,p.50)

2.2 As consoantes oclusivas

Na análise de Borges, op. cit (2006), o Avá-Canoeiro possui três consoantes oclusivas: a bilabial /p/, a alveolar /t/ e a velar /k/. Essas consoantes possuem alofones, mas para este trabalho, nos interessa a origem delas.

A oclusiva bilabial /p/ da Língua Avá-Canoeiro originou do proto-fonema *p e, em final de palavra, da fricativa bilabial *β, conforme exemplos abaixo:

Tabela 3- Exemplos do *p

(19)	p (*p > p/ #_)	94. *pípe	>	pupe	'dentro'
(20)	p (*p > p/ \$_)	82. *kupe	>	kupe	'costas'
(21)	p (*β > p/ a_#)	40. *ʔaβ	>	-ap ⁷⁰	'cabelo'
(22)	p (*β > p/ u_#)	251. *akuβ	>	akup	'quente'
(23)	p (*β > p/ e_#)	57. *peβ	>	pep	'chato, plano'

Fonte: Borges (2006,p.53)

Já o fonema alveolar/t/ da Língua Avá-Canoeiro teve duas origens distintas no Proto-Tupi-Guarani: a oclusiva *t e a africada *ts, como se segue:

Tabela 4 - Exemplos do *t e a africada *ts

(24)	t (*t > t/ # __)	141. *tuβitsaβ	>	tuiaw	'grande'
(25)	t (*t > t/ \$ __)	95. *k ^w atiar	>	k ^w atiaɾ	'desenhar' ⁷¹
(26)	t (*ts > t/ # __ a)	20. *tsakip ^w ri	>	takiwirap	'atrás de'
(27)	t (*ts > t/ i\$ __ u)	244. *pitsun	>	pitun	'preto'

Fonte: Borges (2006, p.53)

“A africada *ts do Proto-Tupi-Guarani desapareceu do sistema fonológico do Avá-Canoeiro, fundindo-se com a oclusiva /t/ em início de palavra ou de sílaba medial, como explicitado acima, ou dando origem à fricativa uvular /ɸ/, em início de palavras.” (BORGES, 2016, p.54). Veja os dados da autora:

Tabela 5- o desaparecimento da africada *ts do Proto-Tupi-Guarani

(28)	ɸ (*ts > ɸ/ # __ u)	21. *tsupi	>	ɸupi ⁷³	'através'
(29)	∅ (*ts > ∅/ # __ e)	237. *tseta	>	eta	'muitos'
(30)	∅ (*ts > ∅/ # __ i)	58. *tsik	>	ik	'chegar'
(31)	∅ (*ts > ∅/ # __ a)	237. *tsaβ	>	-awa	'plumagem'
(32)	∅ (*ts > ∅/ # __ o)	145. *tso	>	o	'ir'
(33)	∅ (*ts > ∅/ o\$ __ a)	297. *motsapir	>	moapir ^{an}	'três'
(34)	∅ (*ts > ∅/ a\$ __ u)	242. *tajatsu	>	tajau	'porco do mato'
(35)	∅ (*ts > ∅/ i\$ __ i)	221. *pitsik	>	jepik	'pegar'
(36)	∅ (*ts > ∅/ i\$ __ a)	141. *tuβitsaβ	>	tuiaw	'grande'
(37)	∅ (*ts > ∅/ i\$ __ a)	188. *pitsa	>	ipiaj	'noite'
(38)	∅ (*ts > ∅/ o\$ __ i)	230. *potsij	>	poi ^j	'pesado'

Fonte: Borges (2006,p.55)

A oclusiva vela desvozeada do Avá-Canoeiro teve duas origens: a oclusiva velar desvozeada *k do Proto-Tupi-Guarani e a fusão desta com a oclusiva palatalizada velar *k^j, como nos exemplos:



Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos - NUPESD
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU

ISSN: 2178-1486 • Volume 9 • Número 27 • Maio 2019

Ano Internacional das Línguas Indígenas (ONU)

Tabela 6- *k com a fusão em oclusiva palatalizada velar *k^j □,

(39)	k (*k > k/ # _)	14. *karāj	>	kaɾaj	'arranhar'
(40)	k (*k > k/ #)	53. *joʔok	>	jok	'cavar'
(41)	k (*k ^j > k/ # _)	101. *k ^j er	>	keɾ ⁷⁴	'dormir'
(42)	k (*k ^j > k/ #)	101. *k ^j er	>	kɪɾ	'dormir'
(43)	k (*k ^j > k/ \$ _)	108. *ek ^j e, ik ^j e	>	ike	'entrar'

Fonte: Borges (2006,p.55)

Os exemplos sobre a origem das consoantes da língua indígena Avá-Canoeiro não se esgotam aqui, visto que são muito completos na tese de Borges (2006). No entanto, em Shields (2011, p.557), admite-se que:

Adicionando ao seu papel como uma medida amplamente avaliativa para a plausibilidade da reconstrução obtida a partir de uma metodologia tradicional, a tipologia linguística foi empregada por linguistas históricos como parte integrante do próprio processo de reconstrução. Seu uso foi especialmente evidente quando a metodologia de reconstrução tradicional não pode ser aplicado rotineiramente a um corpo de dados.

Shields (op.cit) reconhece que muitos pesquisadores em linguística indígena, ao usar o método de reconstrução histórico-comparativo se utilizaram da tipologia, principalmente quando se trata da morfologia e sintaxe.

Considerações Finais

Este estudo teve como objetivo demonstrar a importância da reconstrução linguística feita por pelo método histórico-comparativo, proposto por Vieira (2012). Com recorte nos trabalhos realizados por Rodrigues (2002), sobre a Família Tupi-Guarani, a reconstrução do Proto-Tupí. Vimos que é possível a reconstrução de uma língua, seja indígena, ou não por meio de método histórico-comparativo. Além do mais, os exemplos de Rodrigues apud Cabral (2014) demonstraram isso. Com relação à



Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos - NUPESD
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU

ISSN: 2178-1486 • Volume 9 • Número 27 • Maio 2019

Ano Internacional das Línguas Indígenas (ONU)

família linguística Avá-Canoeiro, elencada por Borges (2006), percebeu-se que três consoantes oclusivas: a bilabial /p/, a alveolar /t/ e a velar /k/ tiveram origem no Proto-Tupi-Guarani. E ainda, Cabral (2014) nos adverte que quando a metodologia de reconstrução tradicional não pode ser aplicado rotineiramente a um corpo de dados, pode-se recorrer a reconstrução de padrões sintáticos em proto-línguas, especialmente, com base trabalho de Rodrigues (2007 b), constatou-se que as funções social e cultural de um grupo também contribuem para o estudo comparativo da língua. Embora as opiniões entre pesquisadores linguistas sejam nitidamente divididas, a sintaxe e a fonologia/fonética são reconstruíveis pelo método comparativo, isso porque muitos (talvez a maioria) de linguistas históricos são céticos sobre a reconstrução sintática comparativa por causa dos conjuntos de correspondência genuínos. Além do mais, a tipologia linguística pode ser utilizada pelos linguistas históricos como um importante complemento metodológico no próprio processo de reconstrução das línguas (SHIELDS, 2011), em especial , as indígenas

REFERÊNCIAS

BORGES, Mônica Veloso. **Aspectos fonológicos e morfossintáticos do Avá-Canoeiro (Tupi-Guarani)** Campinas, SP: [s.n.], 2006. Tese de doutorado.

CAMPBELL, Lyle. **Historical Linguistics: an Introduction**. Cambridge, MASS: MIT Press, 1998. pp. 108-162.

CABRAL, Ana Sueli Arruda Câmara. Et al. A linguística histórica das línguas indígenas do Brasil, por Aryon Dall'igna Rodrigues: perspectivas, modelos teóricos e achados. PUCSP. **Delta**, v.30 esp. p.513-542, 2014. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/0102-445090644999061809>> Acesso em 27/05/2019.

MILANI, Sebastião Elias Milani. **Humboldt, Whitney e Saussure: Romantismo e Cientificismo-Simbolismo na história da Linguística**. São Paulo: Universidade São Paulo, 2000.

RODRIGUES, Aryon Dall'igna. **Línguas Brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.



Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetológicos - NUPESD
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU

ISSN: 2178-1486 • Volume 9 • Número 27 • Maio 2019

Ano Internacional das Línguas Indígenas (ONU)

SHIELDS, Kenneth. **Linguistic Typology and Historical Linguistics,**” [in:] J. J. Song (ed.), *The Oxford Handbook of Linguistic Typology*, 551–567, Oxford: Oxford U P, 2011.

VIERA, Raquel Peixoto. **Historiografia-Linguística dos Métodos de Estudo sobre Aférese no Brasil.** Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2012. Tese.

Recebido Para Publicação em 30 de maio de 2019.
Aprovado Para Publicação em 18 de junho de 2019.